Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 06/01/88
COD. KD031

EDUCAÇÃO KADIWEU

Há uma escola mantida pela FUNAI na aldeia Bodoquena, mas não está funcionando por falta de professor há quase 2 (dois) / anos. Os Kadiweu reivindicam o funcionamento da escola, mas esta apresenta uma séria de graves problemas:

- os professores são de fora da área e dificilmente ficam muito tempo na aldeia.
- em termos metodológicos, a maioria dos professores pareciam desconhecer alguns princípios básicos da Educação, mantendo uma relação autoritária com os alunos, aplicando inclusive castigos físicos.
- o material didático não é apropriado e adequado à altura indígena Kadiweu, pois apóia-se em cima de valores culturais "civilizados".
- trata-se de um material que mesmo para os padrões de nossa cultura é ultrapassado, pois é extremamente parcial e conservador / (principalmente em relação à História).
- não há uma boa preparação pedagógica dos professores por parte da FUNAI e muito menos uma reflexão sobre a sociedade e cultura / Kadiweu .

A partir desta série de deficiências, propomos alternativas educacionais que visam equacionar as sistemáticas ~~alternativas~~ TENT da escola local de destruir literalmente os valores culturais Kadiweu. Um verdadeiro projeto educacional precisa ser discutido com a comunidade, mas apresentamos algumas questões básicas para serem aprofundadas posteriormente:

- a importância da formação de monitores Kadiweu no sentido de evitar-se as evasões de professores.

segue .../...

Acervo ISA

- essa formação seria feita por uma equipe independente politicamente da FUNAI, e competente profissionalmente.
- elaboração de material adequado à realidade dos Kadiweu, com o aproveitamento das cartilhas artesanais e do potencial artístico / dos alunos durante as aulas.
- realização de uma revisão e redefinição da metodologia pedagógica a ser utilizada, onde seria interessante a discussão da proposta pedagógica de Emília Ferreiro e a possibilidade de sua aplicação com comunidades indígenas, o que aliás seria um trabalho pioneiro nesse sentido (a educadora Telma Weiz, além de outros profissionais, certamente contribuiram para esse debate).

Finalmente, devemos colocar que essa questões explicitam, em última instância, uma postura política bastante clara, orientada no sentido de lutar pelos direitos das comunidades indígenas e pela valorização e preservação de suas culturas tradicionais. Não devemos perder de vista, ainda, que será fundamental e prioritário a discussão de todas essas idéias com os Kadiweu e a participação efetiva da comunidade no processo de concretização do "fruto" dessas discussões.

UM PROJETO EDUCACIONAL ALTERNATIVO

A inserção da escola nas comunidades indígenas representa / claramente a própria inserção dos valores culturais da sociedade dominante, com evidentes objetivos no sentido de promover a culturação e integração. Devemos pensar então, de que forma a escola pode deixar de ser o instrumento de penetração da sociedade dominante numa comunidade indígena, para assumir um outro papel.

"Para nós, a alfabetização não é uma questão técnica, mas fundamentalmente política. Não se deve impor - sob qualquer justificativa ou finalidade - um programa de alfabetização, seja no português ou seja na língua indígena. Se os índios sentem a necessidade de dominar o português (falado e escrito), o que fazemos é dar a

segue .../...

Acervo ISA

eles o instrumento para esta apropriação, desfazendo a magia da palavra escrita. A alfabetização que propomos centra-se na possibilidade de uma escola "semi-analfabeta" - negação da Escola detentora do saber letrado, redentor - onde o aprender a ler e a escrever não origina um "saber maior" e nem contribui para o desenvolvimento do índio. Esta escola é um simples sinônimo do lugar onde os índios, na medida de seus interesses e necessidades, podem aprender a ler e escrever, apropriar-se da língua do branco. E lá dispensa a presença de "professores brancos". Ela dispensa o português ilustrado dos brancos da cidade, e o saber acumulado nas bibliotecas. E, sobretudo, nessa escola os índios não precisam aprender seus próprios mitos, contos e ritos através da leitura, sob a alegação mistificadora, de que assim procedendo, ela seria realmente uma escola indígena. Pois acreditamos que, enquanto os índios tiverem o pleno domínio de sua língua, enquanto ela for um sistema vivo e operante, não verão nenhuma razão para a alfabetização em sua língua materna". (Ladeira, Maria Elisa: 172/3:1981).

Os Kadiweu nunca tiveram uma alfabetização na língua materna e tão pouco sujeitam-se a esse tipo de experiência. Essa posição deve ser respeitada, especialmente porque todos falam a língua Kadiweu entre si; mas o que precisamos discutir é a contextualização do processo de alfabetização em português no modo de vida tradicional dessa comunidade. E para tanto, devemos estudar e conhecer profundamente a etnografia dos Kadiweu e levantar algumas questões metodológicas importantes.

"A respeito da memória oral é preciso que nós inclusive, / que estamos trabalhando com índios, tenhamos uma sensibilidade a flor da pele para o problema da cultura e História. Nós temos que respeitar a memória oral, inclusive a introdução da palavra escrita nessas culturas de memória oral tem que ser bem feita e tendo / um total respeito à oralidade. Pode arrebentar o oral só por causa

segue .../...

Acervo ISA

da palavra em português. Sem palavra escrita, a intimidade do movimento pedagógico é superior à base. São mais dialéticos, tem a compreensão da totalidade permanente. Devemos, pelo menos, fazer uma análise ou tentativa permanente de resgatar a História destruída. É intenção da branquitude destruir esse senso da História." (Freire, Paulo: 4:1982)

É fundamental que haja um bom selecionamento e uma boa formação dos monitores, não índios que irão para Bodoquema iniciar o trabalho. O respeito à oralidade, a recuperação da memória, uma postura democrática, são ações que dependerão em última instância da sensibilidade desse monitor.

"O problema da dialogicidade tem que ver não só com a teoria do conhecimento, mas tem que ver com a postura democrática de presença do ser como sujeito do seu conhecimento, como sujeito da sua educação. Ora, uma escola que experimente um pouco disso, então, não será na verdade destruidora. Ela trabalhará, pelo contrário, pela restauração e a recuperação da memória que às vezes se perde". (Freire, Paulo : 8:1982)

Os Kadiweu não precisam aprender a sua própria língua na escola, mas os monitores encarregados de iniciar o trabalho deveriam durante sua estadia na aldeia, tentar aprender, mesmo em alguns momentos durante a aula, os princípios básicos da língua Kadiweu. / Descobrir os sentidos de uma mesma palavra ou frase, os significados contidos na estrutura de um diálogo, a existência ou não de certas palavras; tudo isso contribuirá para que se possa entender a própria estrutura da linguagem e do pensamento Kadiweu.

"... eu acho que a compreensão da cultura passa pela compreensão da língua e da linguagem." (Freire, Paulo: 8:1982)

ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS

segue .../...

Acervo ISA

Não basta o monitor estar inserido na sociedade Kadiweu, conhecer seus aspectos sócio-culturais e ter boas intenções, se ele não tiver uma discussão referente à própria metodologia pedagógica empregada. Vera Masagão Ribeiro nos coloca algumas pistas:

- "O aprendizado da leitura das palavras deve estar sempre vinculado a uma leitura de mundo". (Ribeiro, V. Masagão: 14:1986)

- "O alfabetizador deve ter como parâmetro um determinado método de alfabetização, e utilizá-lo de modo flexível, abrindo espaço para atividades diversificadas". (idem)

- "A alfabetização implica tanto na descoberta dos mecanismos de funcionamento da linguagem escrita como das funções que ela exerce socialmente em suas várias modalidades". (Ribeiro, V.Masagão: 15: 1986)

- "O educando deve entrar em contato com um universo escrito o mais amplo possível". (idem)

Estes assuntos devem ser tratados com profundidade na formação dos monitores, mas devem ser precedidos por uma outra questão de maior importância, que é a de "ouvir" o educando e reconhecer / que ele tem suas hipóteses sobre a linguagem e o seu processo de aprendizagem, construindo suas categorias de pensamento através da própria ação. Eni Orlandi, estudiosa da linguagem e das formas do discurso, coloca o problema com clareza:

"Ao se admitir que o aprendiz tem uma metodologia, admite-se também que os métodos de ensino são diferentes dos processos de aprendizagem; assim, o que se está dizendo é que aquele que ensina já encontra um sujeito com sua própria metodologia e a metodologia proposta por quem ensina pode favorecer, estimular ou bloquear a metodologia do aprendiz. O que quem ensina não pode fazer é desconhecer a metodologia do aprendiz.

Um trabalho em que isso aparece com clareza é o de Emília Ferreiro sobre alfabetização (Ferreiro, 1979). Ela parte do princí

segue .../...

Acervo ISA

pio de que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, há um sujeito que procura adquirir conhecimento e não apenas um indivíduo bem ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. A questão para ela, então, é a seguinte: na interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, que caminho percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, por exemplo, quando é a escrita o objeto de sua atenção? Ela procura discernir quais são os processos de aprendizagem mostrando que esses processos podem, em suas etapas, ir por vias insuspeitadas e que não começam do zero". (Orlandi, Eni P.: 26:1984)

Essas etapas ou estágios foram classificados por E.Ferreiro em pré-silábico, silábico, alfabético e alfabético-ortográfico e, consideramos prioritário que o estudo e a compreensão desses estágios conste do trabalho de formação de monitores, no sentido de que possa ser reconhecido o processo de aprendizagem do educando e de que a obtenção de conhecimento seja resultado da própria ação desse educando.

Outro aspecto a ser ressaltado, é a importância do lúdico / na aprendizagem. Os Kadiweu, assim como a maioria das sociedades indígenas, dão à brincadeira importante papel nas formas tradicionais de transmissão do conhecimento, como por exemplo, no próprio aprendizado das técnicas de confecção da cerâmica, onde as crianças fazem suas primeiras peças brincando. Seria proveitoso, portanto, a utilização de técnicas lúdicas que auxiliassem o aprendizado da leitura, escrita e primeiras contas.

"Creio que aí está uma contribuição importante para a reflexão sobre a educação indígena: à diferença de nossa sociedade - em que o discurso autoritário é o dominante, o polêmico é o que se pode instituir a partir da crítica, e o lúdico é ruptura - a cultura indígena acolhe o lúdico. Essa, creio, é a melhor entrada para a compreensão da educação indígena e a ponte inicial para a construção de uma metodologia apropriada. Porque essa é uma diferença importante: o lugar ocupado pelo lúdico na cultura indígena instaura

segue .../...

Acervo ISA

uma convivência com a linguagem que, acreditamos, é diferente da nossa". (Orlandi, Eni P.: 28:1984)

FORMAÇÃO DE MONITORES/MATERIAL DIDÁTICO

A questão da monitoria indígena enfrenta uma série de dificuldades, conforme discussão do II Encontro de Educação Indígena promovido pela OPAN:

- "a baixa qualificação técnica dos monitores (em geral não têm nem a 4a. séria do ensino básico);
- a possibilidade de utilização do cargo, pelo professor, para / criar-se uma situação de maior status e poder dentro do grupo; mas igualmente a possibilidade de que ele se transforme em liderança positiva, engajada na luta comum de toda a comunidade".

Em função desses e de outros problemas decorrentes do exercício da monitoria indígena, coloca-se a necessidade de explicitação da situação funcional dos monitores à comunidade, cabendo a ela a superação de qualquer impasse.

A formação de monitores indígenas é importante, na medida em que a comunidade pode gerir seu processo de aprendizagem independentemente da intervenção de agentes externos. Os Kadiweu sempre dependeram dessa intervenção e justamente por isso a escola não está funcionando. Há um bom número de membros da comunidade que já sabem ler e escrever razoavelmente e que poderiam ser formados para trabalharem na alfabetização das crianças, abrindo-se posteriormente uma possibilidade inclusive, para a alfabetização de adultos também.

Acreditamos que o deslocamento para a área de 2 ou 3 monitores não índios para um trabalho de formação dos moniotres indígenas, deve concluir o projeto no prazo de 1 (um) ano. Durante este período / essa equipe deveria assumir as aulas junto às crianças da aldeia, visto que, esta é a reclamação mais urgente dos Kadiweu. Essa atividade proporcionaria subsídios para a equipe elaborar um material didático a partir dos próprios resultados do trabalho em sala de aula (textos, palavras-chave, desenhos, etc.), aliado à possibilidade dos monito

segue .../...

Acervo ISA

res apreenderem os princípios elementares da linguagem Kadiweu.

A maior dificuldade, entretanto, é a elaboração de um material didático para uso dos Kadiweu nesse primeiro momento do processo de aprendizagem. Esse material deveria conter palavras-chave e pequenos textos contextualizados e relacionados diretamente à cultura dessa sociedade indígena, além das primeiros contas e exercícios de coordenação motora realizados através de desenhos dos próprios motivos da arte gráfica Kadiweu. O modelo elaborado por Maria Elisa Ladeira (CTI), baseado num sistema de fichas nos parece bastante apropriado para esse trabalho. Segundo a própria autora, esse sistema é muito econômico, possibilita uma constante complementação e permite um aprendizado individual.

ARTE-EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO

Um projeto de educação entre os Kadiweu, deve estar voltado para a idéia de preservação e valorização da identidade étnica deste povo. Para tanto, um dos principais elementos a ser trabalhado neste / projeto é a questão da arte Kadiweu. A partir do interesse já manifestado por essa comunidade indígena, serão elaborados e distribuídos na aldeia Bodoquena, catálogos ilustrados com fotos e desenhos sobre a arte e técnicas Kadiweu, preocupados com a recuperação da memória artística e cultural. Além de serem distribuídos a todas as artesãs / da aldeia, esses catálogos podem e devem ser utilizados como material de apoio nas atividades desenvolvidas na escola, estimulando verdadeiras "oficinas de arte" dentro de sala de aula.

Essas "oficinas de arte "trabalhariam com diversas atividades, principalmente com o desenho e a pintura, exercitando o conhecimento artístico feminino que as crianças começam a adquirir com as mães, proporcionando a troca de repertórios decorativos diferentes entre as meninas e explorando as manifestações gráficas masculinas. O domínio do acervo de motivos decorativos entre os Kadiweu é bastante diversificado, pois existem padrões que somente as artesãs mais velhas conhecem,

segue .../...

Acervo ISA

ensinadas somente para suas respectivas familias. A utilização dos catálogos e das atividades relacionas ao desenho e à pintura Kadiewéu proporciona na própria escola, um espaço de socialização do conhecimento artístico de cada indíviduo.

A partir daí, poderia ser criado um espaço para exposição sistemática do material produzido, como por exemplo um mural. Fica também como proposta, a idéia da confecção de uma espécie de "jornal" da escola, com a produção e autoria dos textos, histórias e desenhos dos próprios alunos. Para isso, podemos nos utilizar de mimeógrafo ou, melhor ainda, um limógrafo para a impressão do material. Esse instrumento, que Frenet aconselha para esse tipo de trabalho proposto, pode ser construído facilmente com tábuas e madeira pelos próprios alunos.

Enfim, a proposta de enfatizarmos a questão da arte Kadiewéu no trabalho de sala de aula, visa juntamente com a entrega dos catálogos e uma comercialização do artesanato mais ampla; através da educação / formal, da memória oral e visual, e de medidas práticas e objetivas para a aplicação dos resultados esperados; articular as diversas "entradas", as diversas possibilidades de intervenção no trabalho com a arte indígena Kadiweu.

São Paulo, setembro de 1987

Jaime G. Siqueira Jr.

Acervo ISA

BIBLIOGRÁFIA

Freire, Paulo - "Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena" - CIMI - Cuiabá/1982

Ladeira, Maria Elisa - "Sobre a língua da alfabetização indígena", in "A questão da educação indígena" - CPI-SP/Ed.Brasiliense - São Paulo/1981

Ladeira, Maria Elisa - "Material para alfabetização em português - índios Txukarramãe" - CTI-SP

OPAN - "II Encontro de Educação Indígena" - Fátima de São Lourenço MT-1984

Orlandi, ENi Pulcinelli - "Algumas considerações discursivas sobre a educação indígena", in EM ABERTO, ano III, nº 21 - MEC/INEP/1984

Ribeiro, Vera Masagão - "Área de alfabetização: Teorias da Leitura e da Aprendizagem", in III Encontro de Educação Indígena/OPAN - Fátima de S. Lourenço - MT/1986